

## **Quando o privado vai a público: visibilidades que tornam os bastidores conteúdo em “Profissão Repórter”<sup>1</sup>**

*Fabiana Piccinin*<sup>2</sup>

*Ananda Etges*<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo discute os esforços observados no jornalismo contemporâneo de, ao apresentar a notícia, tornar visível também seus processos de produção a partir do contexto de mediatização. Trata-se de propor o desvelamento da produção das narrativas jornalísticas e autenticá-las a partir de regimes de visibilidade marcados pela naturalidade e espontaneidade dos dizeres em que os jornalistas testemunham, experenciam, mostram e comentam a notícia e os procedimentos deste fazer. E assim, ao explicitar essas dinâmicas, transformam em conteúdo publicizável o que antes era omitido, alterando os critérios editoriais que norteiam os limites do público e do privado. A pesquisa observou esta construção de ilusão de visibilidade e transparência na televisão, que muito tem se valido dos recursos de novos gadgets tecnológicos que contribuem para a demanda pela “exposição máxima”. A análise empírica foi feita no programa jornalístico “Profissão Repórter”, que vai ao ar pela Rede Globo de Televisão e tem por slogan “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem”.

**Palavras-Chave:** Jornalismo de televisão, regimes de visibilidade, autenticação da notícia, bastidores como conteúdo.

**Abstract:** The article discusses the efforts observed in contemporary journalism to, through news, make also visible its processes of production from the context of mediatization. It aims to propose the unveiling of the production of journalistic narratives and authenticated them by visibility regimes marked by the naturality and spontaneity of the message in which the

---

<sup>1</sup> Este artigo parte da pesquisa empreendida pela Mestre Ananda Etges por ocasião da produção de sua dissertação sob a orientação da professora Fabiana Piccinin defendida em maio de 2014 junto ao Programa de Pós Graduação em Letras da Unisc.

<sup>2</sup> Professora e Pesquisadora do Curso de Comunicação Social e do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC-RS). Tem trabalhos e pesquisas voltadas às questões da narrativa e suas relações com as mudanças tecnológicas. Atualmente é Coordenadora de Pós Graduação *Stricto Sensu* na Unisc. [fabi@unisc.br](mailto:fabi@unisc.br)

<sup>3</sup> Jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). [nandaetges@hotmail.com](mailto:nandaetges@hotmail.com)

journalists testify, experience, show and comment news and its procedures. Thus, by explicating those dynamics, they transform in publishable content what was once omitted, altering the editorial criteria which guide the limits between public and private. The research observed this construction of an illusion of visibility and transparency in television, which has taken as resources new technological gadgets that contribute to the demand of “maximum exposure”. The empirical analysis was made with the journalistic program “Profissão Reporter”, which airs at Rede Globo de Televisão and has as slogan “The backstage of news, the challenges of reporting”.

**Keywords:** Television journalism; visibility regimes; news authentication; backstage as content.

## 1 Metamorfoses jornalísticas

Um conjunto de valores e práticas orientados pela profissionalização do fazer jornalístico resultou na identificação do jornalismo da era moderna como aquele que, por oposição às práticas de segredo medievais, se propunha a síntese do espírito moderno pautada pela verdade e transparência (Marcondes Filho: 2000). Influenciado pelas práticas industriais, o jornalismo institucionaliza-se, portanto, em modos de agir voltados para a linguagem marcada por textos assépticos e formais, a partir da crença positivista no relato objetivo e imparcial como a que pudesse oferecer a verdade dos fatos e oportunizar a separação clara dos gêneros ficcionais e não ficcionais nos jornais impressos. (Muniz Sodré: 2009).

A ideologia da profissionalização combinou-se, portanto, com as demandas geradas no âmbito também econômico das empresas jornalísticas que, aumentando exponencialmente as tiragens dos jornais oportunizadas pelas novas tecnologias de impressão do período, precisou ofertar um produto de consumo em larga escala, marcado pela neutralidade de seu discurso e posicionamento. Pelo menos no que se trata da imprensa ocidental e nela, a americana mais precisamente. Os jornais e demais veículos de comunicação, vistos como um negócio que exigiam altos rendimentos tirou de cena, por exemplo, o jornalismo panfletário de outro

momento histórico por manifestações mais contidas e neutras em termos de posicionamento, com o objetivo de atingir o maior número possível de pessoas.

Para tanto, nessa fase, depois de ter abandonado sua condição de representação política, o jornalismo, estrategicamente, reafirma a necessidade da objetividade e suas decorrências como pilar da atividade, ao assumir a condição de negócio de grandes corporações. Ou seja, junto com a idéia da racionalidade como valor da época e dos pressupostos liberais da economia, o conceito de objetividade e de liberdade de imprensa foram oportunos para construir a imagem de isenção necessária das empresas jornalísticas, bem como de atender um público cada vez maior e mais heterogêneo que as grandes tiragens passaram a alcançar. (PICCININ, 2007, p. 100).

Ou seja, na medida em que o jornalismo institui estes como saberes próprios do campo, passa a desfrutar da legitimidade gerada pelas práticas de que quem, por regra e convenção, é responsável pela mediação dos saberes e da informação oriundos de outros campos e esferas do conhecimento e que devem ser de domínio público, demarcando as instâncias da esfera pública e privada (Habermas: 1984). E marcando forte acento no âmbito da primeira como aquela que, pelo viés comunicacional, oportuniza o livre debate de ideias e opiniões a partir do vínculo comunicativo. Portanto, para o autor, essa demarcação da natureza do que é da ordem pública e ou privada está diretamente ligada à institucionalização na Modernidade da imprensa periódica, posto que grande regulador simbólico desses discursos ao se identificar com o debate público.

No entanto, o contexto contemporâneo, segundo Sodré (2014), produziu um novo tipo de sociabilidade, articulada em boa parte pelo desempenho das novas tecnologias de comunicação e marcado pela emergência de um novo ethos social, diferente da esfera pública dos termos habermasianos. Segundo o autor, a primeira tinha correlação com um ideal a ser seguido e à busca pelo estado de experiência social qualitativa orientada por seus princípios fundadores da igualdade, fraternidade e liberdade. E que, portanto, se fundamentaria na herança moderna pautada pela clara distinção entre os temas afeitos ao privado e ao público.

Já a sociabilidade atual diz o pensador, migrou deste ideal para a projeção de uma articulação societária que desfaz a dicotomia público-privado posto que se pauta a partir do estímulo tecnológico, pela transparência e visibilidade absolutas. E de forma que esses limites fundem-se e confundem-se num novo sentido de experiência societária em que “(...) a

publicização é o íntimo convertido em motor semiótico do discurso. E o público, antes espaço de conversão dos discursos em espaço público, agora é espaço de conexão com suas linhas invisíveis em sua ambivalência cultural”. (Sodré: 2014). As tecnologias midiáticas, portanto, consolidaram a fragmentação dos públicos que se apropriam delas, não lhes oportunizando o cimento social, mas evidenciando, ao contrário, que esta visibilidade não é sinônimo de constituição de um espaço público nos moldes modernos.

Assim, ao redimensionar o público e o privado, o contemporâneo vai alterando de forma simultânea as práticas instituídas e oportunizando a emergência de novos formatos e novas orientações nos padrões jornalísticos até então inquestionáveis. Da orientação positivista que, alguma medida, ainda sobrevive nas redações e foi, por bom tempo, inabalável, observam-se movimentos no sentido de relativizá-la e ressignificá-la, nos moldes do que se pode referir algumas iniciativas ao longo desses 500 anos. Observam-se o que pode ser assumido como ousadias que desestabilizam a mítica da objetividade e imparcialidade e que desvincula a competência dos jornalistas da sua capacidade de se retirar do que narra posto que, bom repórter sabe apurar, mantendo a devida distância do fato narrado. Bem como bom editor é aquele que, na eleição dos conteúdos da reportagem e na formatação dos mesmos, sabe observar o que é da ordem do saber privado, próprio dos bastidores, e o que é, por princípio e definição, do conteúdo da reportagem que deve ir a público.

No novo momento da prática jornalística, observa-se que a transparência permanece como valor, mas sua oferta se dá pela construção de um movimento inverso ao que se tem proposto até então. E e que trata agora de deixar vir à explicitude quem conta, bem como de bem acolher suas experiências vividas a partir da cobertura de determinado evento, entendidos como sinônimos de credibilidade e qualidade do dizer.

Além das alterações tecnológicas, estas dinâmicas tem sido geradas a partir do debate trazido no contemporâneo no tocante à problemática da narrativa e sua impossibilidade do registro objetivo do real. É a crise da representação, manifestada originalmente pelas artes, que vai alcançado variadas dimensões e que vem por em cheque especialmente as pretensas narrativas realistas, como pontua Figueiredo (2010), uma vez que contar uma história implica imprimir uma ordem ao caos dos acontecimentos, e de alguma maneira conferir sentido pelo discurso. Diz a autora:

A objetividade épica perseguida pelo narrador, no esforço de contar sem distorções o que aconteceu, foi ao longo do tempo cada vez mais crivada pela contradição, que lhe era inerente, entre a universalidade do pensamento, com seus conceitos gerais, e a resistência que o acontecimento singular lhe opunha. (Figueiredo: 2010, p. 70).

Embora trate de forma ampla a respeito da estética realista, a reflexão da autora ajuda a pensar o jornalismo na medida em que justifica nestes movimentos da insuficiência da linguagem para traduzir o real e nele a assunção desta limitação, a evidência atual não mais à voz objetiva e imparcial, mas a que assume esta posição do lugar de fala. E mais do que isso, da que apresenta explicitamente os recursos utilizados nos registros das falas do outro, bem como a organização dos materiais coletados em função da história. O que vai oportunizar novos balizadores a respeito das mesmas escolhas no jornalismo e que dizem respeito à refundação da política demarcatória do que é da natureza dos bastidores da notícia e o que merece a publicização dos conteúdos por agora ser entendido como da ordem do interesse do público.

Como já se referiu em trabalhos anteriores (Piccinin & Soster: 2012), (Piccinin & Etges: 2014), a metamorfose do jornalismo se dá em sintonia às mudanças da sociedade contemporânea de maneira geral, estabelecendo pontos com as formas de seu discurso e com o posicionamento permitido e convocado a ser feito pelos jornalistas, ensejando uma ressignificação para o estado da competência e do bem fazer. Trata-se da legitimidade de um discurso, portanto, que une a história contada a quem conta, pressupondo sua participação com elemento qualitativo e diferencial desse narrar. E, portanto, alterando decisivamente o limite ou a cancela do que a mídia entende na escolha do que entrega e do que não entrega de seus conteúdos por ser parte do âmbito do privado ou de pertinência pública com relação à informação. Nos termos do que propõe Santiago (1984, p. 40), quando diz que “(...) o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador”.

## **2 Novos públicos e novos privados no contexto de midiatização**

Este fenômeno em que se convoca ou se exige outra performance do jornalista, orientada por um relato que tenha sua marca e autoralidade, traz à explicitude as

operacionalidades de suas práticas antes consideradas da ordem dos bastidores. E tem para Fausto Neto (2011) explicação para o que nomeia como midiatização, articulada pelo pressuposto fundamental em que diagnostica a passagem da “sociedade dos meios” atual para a sociedade em vias de midiatização. Objetivamente, segundo o autor, isso quer dizer que os veículos de comunicação deixam de ser apenas meios de informação e passam a operar como dispositivos, que interferem em todo sistema comunicacional e chegam a modificá-lo

Na transição das discursividades jornalísticas da “sociedade dos meios” para a “sociedade em midiatização”, o fato de diversas práticas sociais se apropriarem, segundo condições distintas, das lógicas e operações da cultura das mídias, provoca alterações significativas na paisagem de funcionamento dos processos interacionais dos demais campos, mas, particularmente, através de fluxos de comunicação. Os meios acentuam pela a importância de suas referências sociotécnicas-discursivas uma performance protagônica que desempenham na sociedade, seja através de uma atividade de gestão sociosimbólica dos demais campos, mas sobretudo por uma outra ação, que se traduz pelo exercício de algumas competências discursivas (Fausto Neto: 2012). E assim, elegem e transformam os temas de vida dos diferentes campos sociais em notícias, do que resulta uma espécie de painel semântico e simbólico a respeito do funcionamento da organização social.

Também Soster (2009) ajuda a compreender este momento de transformação societária a partir do contexto de midiatização:

Ou seja, trata-se de um momento de transição, em que as máquinas que ajudaram a construir esta mesma sociedade agora se integram a ela não mais na condição de apêndice, ou suporte, mas de elemento constituinte dela, alterando toda uma ecologia comunicacional” (SOSTER, 2009, p. 39).

Para Fausto Neto (2012), os efeitos que resultam da mudança de perspectiva são gerados por tecnologias que se apresentam continuamente transformadas em meios. E que assim sendo, favorecem uma nova ambiência e organizações sociais e novos processos interacionais envolvendo produtores e leitores. Diz o autor que neste panorama, a circulação deixa de ser um “ponto de passagem”, onde os sentidos dos discursos se manifestam de forma automática, para se constituir num “ponto de articulação”, onde se desenvolve uma atividade enunciativa interacional de natureza assimétrica. Trata-se portanto da complexificação do processo enunciativo, à medida que determinadas lógicas e operações impõem-se às

discursividades. O resultado é um contexto de produções midiáticas intrínsecas ao ser humano, que tem a própria vida, tanto individual quanto coletiva, pautada por diversas interações tecnológicas e comunicacionais.

A midiatização, portanto, parte da ideia de que a mídia interfere em todas as esferas existenciais do homem contemporâneo e, inclusive, molda os seus comportamentos para uma existência midiática e virtual, instaurando novas formas de leitura do mundo. De maneira que as imagens fragmentadas da contemporaneidade influenciam nossa cotidianidade na medida em que integram as bacias semânticas com que lidamos com nossas experiências enquanto indivíduos no mundo. Ou nas palavras de Soster: “Referimo-nos ao jornalismo midiatizado que, em sua processualidade, reconfigura formas e processos, oferecendo, neste movimento, novas e sucessivas ofertas de sentido à prática” (SOSTER, 2012, p. 89). Mais objetivamente, é dizer que as mídias deixam o estatuto de “meio” e passam a operar segundo uma perspectiva de dispositivo (SOSTER, 2011).

Em razão disso, a onipresença das representações da mídia faz com que o sistema midiático abandone o lugar de mediação ocupado até então, “para tornar-se ele próprio o centro de todo processo a partir do qual se estrutura e constitui a sociedade atual e suas inteligibilidades” (PICCININ & SOSTER, 2012, p. 130). De forma que não importa mais o objeto em si, mas o discurso da mídia sobre ele e a relação estabelecida com a sociedade de modo geral. Para Gomes (2006), a passagem da sociedade dos meios para a sociedade em vias de midiatização impõe pensar um conceito de mediação mais complexo e sofisticado. O vocábulo mediação, segundo o autor, provém do latim *medius*, ou seja, aquilo que está no meio. Sua compreensão de mediação está relacionada com o fato dela assegurar a passagem de uma realidade à outra realidade:

De acordo com essa posição, a função de mediação é atribuída à linguagem, visto que é nela que se relacionam diferentes termos, cujo estatuto permite distinguir entre um antes e um depois da mediação. O antes da mediação da linguagem, remete-nos à realidade bruta. Isto é, a tudo aquilo que nos vem desde o exterior e que vem do nosso interior. Esse dado deve ser mediatizado pela linguagem para que possa adquirir uma significação humana. O depois da mediação da linguagem envia-nos para a experiência unificada que, graças à linguagem, chega a ser humana, dita, projetada, inscrita no sentido possível. (GOMES, 2006, p. 115).

A partir disso, o autor explica a complexificação do termo mediação para que se possa entender a mediação como chave hermenêutica para a interpretação da realidade contemporânea onde « (...) a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais. Por isso, é possível falar da mídia como um locus de compreensão da sociedade. (GOMES, 2006, p. 121). » Pondera ainda que, a partir disso, a metáfora do palco à plateia é superada referindo-se ao fato de que, no contexto da mediação, produz-se a oportunidade para o deslocamento das pessoas do palco (onde são sujeitos e atores) à plateia (onde sua atitude é passiva): “Agora temos um teatro de arena, onde não mais se pode falar de palco e plateia, pois é impossível pensar uma realidade sem palco, uma vez que ele tomou tudo. As pessoas não distinguem mais a sua vida separada do palco, sem ele” (GOMES, 2006), o que para a prática jornalística significa que nem os jornalistas e nem seus destinatários são mais os mesmos, instaurando complexificações em seus papéis.

### **3 “Profissão repórter” publiciza o privado**

Do ponto de vista da análise empírica, busca-se analisar estes movimentos e emergências da prática jornalística a partir do contexto de mediação que redefinem as instâncias do público e do privado no programa « Profissão Repórter », que vai ao ar pela Rede Globo de Televisão e que tem por slogan, em sintonia com sua proposta editorial, “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem”<sup>4</sup>. Apresenta um tema de reportagem a cada programa a partir do trabalho em equipe de repórteres comandados por Caco Barcellos, jornalista da Rede Globo conhecido pelo envolvimento em reportagens ligadas a questões de denúncia social.

Para tanto, o programa adota uma linguagem em que apresenta de maneira explícita os esforços observados do jornalismo em tornar visível também seus processos de produção, na

---

<sup>4</sup> Na pesquisa feita por ocasião da dissertação, foram observados três pontos fundamentais: o repórter em cena, o “eu” repórter e os bastidores da produção jornalística. O repórter em cena refere-se à imagem do repórter, que aparece com os entrevistados ou manifesta-se de outras formas, como a partir do uso da câmera na mão e do enquadramento da câmera que grava a câmera, ou seja, quando um cinegrafista captura a imagem do outro trabalhando. O “eu” repórter está relacionado à narrativa em primeira pessoa e os comentários pessoais do repórter, além de analisar também o enfoque na emoção do profissional. Já o tópico de bastidores da produção jornalística aborda o desvelamento do processo de produção da notícia, mostrando as conversas entre a equipe na redação, as reflexões sobre a prática jornalística e momentos antes das entrevistas. Neste artigo, estamos tratando especificamente desta última característica que diz respeito à questão dos bastidores. A análise foi feita em seis episódios do programa que foram ao ar entre julho e dezembro de 2013.

busca por ofertar o « real » por oposição à orientação moderna. Neste sentido, a análise do programa busca evidenciar esse desvelamento das narrativas jornalísticas e a autenticação das mesmas a partir de regimes de visibilidade marcados pela naturalidade e espontaneidade dos dizeres, onde o jornalista apresenta-se como o narrador que, além de testemunhar, experencia, mostra e comenta a notícia e os procedimentos deste fazer. E explicita essas dinâmicas, transformando em conteúdo publicizável o que antes era omitido e acabando, portanto, por alterar os critérios editoriais que norteiam os limites do público e do privado em termos jornalísticos.

A construção do « real autêntico », em que a ilusão da visibilidade e transparência converte inclusive “erros de gravação” em conteúdo, altera os limites e demarcações do que era considerado até então público e privado em termos da notícia. No caso do jornalismo praticado na televisão, essa dinâmica da transparência muito tem se valido dos recursos de novos gadgets tecnológicos por contribuírem para a demanda pela “exposição máxima”. No caso da posição do repórter, este passa a ter liberdade e autorização para assumir o papel de protagonista em determinadas reportagens, manifestando subjetividades, compartilhando experiências e inserindo um “eu” por muito tempo oculto e “tímido” nessas narrativas. Nesta perspectiva, busca-se olhar para como o que era (e é) entendido como bastidores do programa e ficava por essa razão oculto do público e que agora passa a fazer parte dos seus conteúdos. Na lógica do programa, vê-se este querendo mostrar, portanto, o que, por muito tempo, foi considerado desnecessário ou proibido e, inclusive, em alguns casos, foi sinônimo de má qualidade ou amadorismo em produções televisivas.

Um destes exemplos diz respeito ao espaço da redação, antes limitado à produção jornalística e jamais exposto ao público. Atualmente, o espaço funciona como cenário do programa onde está a equipe de trabalho jornalística como fundo da bancada dos apresentadores. No caso do « Profissão Repórter », este tipo de bastidor mistura a produção externa com conversas na ilha de edição ou outros espaços internos e de bastidores.

Também os recursos visuais que salientam e demarcam o campo de bastidores do programa : como a câmera na mão ou em movimento, com imagens tremidas e, portanto, de qualidade inferior ao padrão utilizado comumente. Tais estratégias, que em determinados momentos poderiam ser suprimidas na edição, por não preencherem requisitos técnicos, em programas como Profissão Repórter são amplamente exploradas. O que importa, mais que qualidade absoluta, é a trama narrativa, a história, seu valor informativo e, também, apelo

emocional e sentimental. Ou seja, o “espontâneo” construído, neste caso, ajuda a contar a história, já que não se pode ter “produção” nos bastidores, sob pena deste ter a sua natureza alterada. Naturalmente, supõe-se que também o bastidor recebe tratamento editorial, mas nesse caso, todos esses “ruidos” técnicos são informações preciosas e autenticadoras da realidade que se está mostrando.

Na análise das edições de Profissão Repórter, verifica-se que a evidenciação de bastidores em diferentes situações. Um exemplo é no momento pré entrevista, quando o jornalista se aproxima da pessoa com quem vai conversar para perguntar se pode gravar. Ele questiona isso já com a câmera ligada. Algumas vezes, chega a explicar como será o processo. Isso, em uma edição “convencional” seria impensável na composição final de uma narrativa jornalística, porque é justo da ordem do bastidor e, como tal, não deveria pertencer à versão final.

Fotografia 1 – Repórter fala como será a entrevista



Fonte: Profissão Repórter 9 de julho de 2013

Ou seja, tal formato não é usual no telejornalismo, que geralmente dá o destaque para o entrevistado em um tempo determinado, “limpando” os momentos antes da entrevista. Além disso, a fala do mesmo é editada e cortada conforme o assunto da reportagem, sem espaço para improvisos. Assim, Profissão Repórter apresenta uma nova proposta ao mostrar e salientar momentos antes da entrevista. O programa tenta deixar explícito o processo jornalístico e, mais uma vez, enfatiza o repórter, como condutor da narrativa e determinante nas escolhas que formam a reportagem. Isso ocorre diversas vezes nas edições. No programa sobre homens que investem na beleza, por exemplo, acontece três vezes. Na primeira, a

repórter explica sobre como será a entrevista. Ela fala com o entrevistado com o microfone baixo e o cinegrafista registra a conversa através de um vidro (imagem 1).

Na segunda, a jornalista chega em um salão de beleza e caminha por entre os clientes. Ela diz: “A gente veio para gravar pé e mão, tem alguém fazendo agora?”. Na terceira situação, a profissional se aproxima de um prédio e fala para pessoas que estão na janela, no segundo andar: “Oi, tudo bem? Posso subir para falar com vocês?”. Outra evidenciação de bastidores ocorre num movimento autorreferencial, quando, no programa sobre os hospitais, o repórter conversa com um entrevistado e explica que o perfil do programa não é fazer entrevista em gabinete, ou seja, em ambiente de escritório. Ele pede para o gestor do hospital ir com ele até a emergência, para fazer a gravação. O entrevistado aceita, o deslocamento é registrado e, no meio dos pacientes, começam as perguntas. Em seguida, são interrompidos pelos próprios familiares de pessoas internadas, que manifestam a sua indignação com a situação.

O repórter acompanha tudo e o material é privilegiado na edição, ficando um bom tempo em destaque, com a fala das pessoas. Isso poderia ser considerado um erro, um problema na composição da matéria, por ser algo que foge ao “roteiro” original. No entanto, no contexto de Profissão Repórter, é valorizado e faz parte da narrativa. Na edição sobre ascracolândias também é feita referência ao próprio programa. São citados outros momentos em que o tema girou em torno do crack. No entanto, no episódio em questão ganha ênfase a discussão ética de bastidores em relação ao uso da câmera escondida. O assunto é abordado no ambiente da redação, entre Caco Barcellos e repórter. O questionamento sobre a ética na prática profissional é recorrente e também ocorre no programa dos milionários.

Na edição, o repórter chamado Felipe busca entrevistar Eike Batista, para falar sobre a decadência financeira do empresário. Para isso, ele cerca diversas pessoas ligadas a Eike, que não quer aparecer na reportagem. Uma das estratégias para tentar se aproximar da fonte jornalística a que a equipe recorre é comprar R\$ 100 em ações de uma das empresas de Eike. Assim, o repórter tem a oportunidade de participar de um encontro de investidores, onde o empresário poderia estar. Sobre o recurso, um dos jovens jornalistas comenta: “Eu não sei se era a prática correta”. Caco Barcellos argumenta que talvez não é a melhor forma, mas válida a tentativa. Outra forma de evidenciação de bastidores utilizada em Profissão Repórter é a exploração do espaço da redação e ilha de edição para conversas entre Caco Barcellos e

integrantes da equipe. No programa sobre deficientes mentais, o diálogo aborda uma situação pontual com a repórter que resultou na escolha do tema do programa.

Fotografia 2 – Conversa entre Caco Barcellos e repórter



Fonte: Profissão Repórter 3 de dezembro de 2013

A repórter conta para Caco Barcellos que estava fazendo uma reportagem com câmera escondida em um consultório médico quando viu uma mãe que aparentemente batia no filho. Ela confessa que julgou a situação de fora e abordou a mãe, sem saber exatamente o que acontecia. A mãe disse que ninguém ali sabia o que ela passava, que ela não estava batendo no filho. A repórter entendeu que se tratava de uma criança com deficiência e ficou curiosa pela história da família. Assim, levou o ocorrido para a equipe e decidiram fazer uma edição específica sobre pessoas que convivem com a deficiência mental. Toda narrativa da repórter ocorre no ambiente da redação e em um tom extremamente pessoal. Ou seja, mostra mais uma vez que o protagonismo do repórter é determinante, inclusive na escolha dos temas dos programas e o que as reflexões sobre o fazer jornalístico, antes restritas aos bastidores, agora são conteúdo importante e diferenciador do programa.

#### **4 Considerações Finais**

Vê-se, então, que a análise proposta é capaz de oportunizar, a partir do olhar empírico, a leitura de que a exploração do espaço de bastidores da produção jornalística como conteúdo do programa « Profissão Repórter » compõe este cenário de dinâmicas que marcam o

jornalismo contemporâneo e que instituem novos marcos nos limites entre a esfera pública e a esfera do privado em termos dos interesses e critérios de edição das notícias.

O programa acaba por constituir-se de um exemplo claro do que diz Fausto Neto (2012) quando discorre sobre a passagem da sociedade dos meios para a sociedade em vias de midiaticização. Neste modelo de articulação societária, em que um novo papel se dispõe a respeito da mídia, esta passa a operar como ponto de articulação enunciativa, de maneira que, a figura do repórter assume posição central e predominante na condução narrativa, fazendo do processo produtivo objeto e matéria de interesse público. É preciso apresentar a matéria e mostrar seu processo produtivo. E a estratégia de mostrar o espontâneo objetiva ser conotada como a oferta da transparência máxima, construída pelo afastamento dos condicionamentos da objetividade e imparcialidade e marcada pelos movimentos de subjetivação do narrar.

Neste sentido, as manifestações de protagonismo e autorialidade dos jornalistas acabam por complexificar as relações das práticas e por formatar, de modo geral, um “novo” jornalismo contemporâneo com reconfigurações dos limites entre o que se expõe e o que se omite da narrativa. Assim, é preciso dizer que, ainda que em parte ligada às orientações modernas, a nova prática jornalística busca constituir uma nova identidade, já alinhada com os pressupostos contemporâneos onde a transparência, ainda que construída, pautar a relação do jornalismo com os novos receptores. E complexifica lugares até então canônicos desta prática, especialmente no que tange ao sentido e ao limite do que se entende por bastidores e sua relação com o âmbito público e o âmbito privado.

### Referências Bibliográficas

- FAUSTO NETO, Antônio. Transformações nos discursos jornalísticos: A atorização do acontecimento. In: **9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2011, Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/9encontro/CC\\_01.pdf](http://www.sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/9encontro/CC_01.pdf). Acesso em setembro de 2013.
- FAUSTO NETO, Antônio. Narratividades jornalísticas no ambiente de circulação. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Orgs). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. p. 45 – 67.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: PUC - RJ, 2010. 287 p.
- GOMES, Pedro Gilberto. **A filosofia e a ética da comunicação na midiaticização da sociedade**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2006. 143 p.

- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. 397 p.
- PICCININ, Fabiana. **"Veja a Seguir" : a transição do telejornal entre a linha de montagem e a rede**. 2007. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. 241 f.
- PICCININ, Fabiana ; ETGES, Ananda. O eu que narra, que sente e que diz como são feitas as notícias: Análise da atorização em « Profissão Repórter ». In : PICCININ, Fabiana ; SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Narrativas Comunicacionais Complexificadas 2**. Santa Cruz do Sul : Edunisc, 2014. 433 p. p. 321 – 346.
- PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Da anatomia do jornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas. In: **Brazilian Journalism Research**. Brasília, v. 8, n. 2, p. 118 - 134, 2012. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/477/408>. Acesso em fevereiro de 2014.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo Hacker, 2000. 171 p.
- SANTIAGO, Silvano. O narrador pós moderno. In : SANTIAGO, Silvano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989, p.38 – 52.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2009. 287 p.
- SODRÉ, Muniz. Público/privado: uma dicotomia hoje problemática. **Ciseco**. Colóquio Internacional de Semiótica das Mídias. Japaratinga : Maceió, 2014.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais**: internet, midiaticação e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. 2009. 186 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.